

O mal-estar pedagógico e o desafio do Eros

Mariane de Oliveira Biteti¹

RESUMO

Esse texto surge diante do desafio de entender as características do mal-estar contemporâneo à luz da sua manifestação no espaço escolar. Parte da hipótese de uma transição da sociedade disciplinar para uma sociedade do cansaço, no qual o controle e as formas de violência são cada vez mais internalizados, gerando sintomas sociais desafiadores de novas práticas. Destacamos aqui as práticas pedagógicas de alteridade, construídas numa perspectiva erótica como uma alternativa de enfrentamento e de transgressão.

Palavras-chave: sociedade disciplinar, sociedade de controle, alteridade, Eros, práticas pedagógicas.

ABSTRAC

The present text arises from a contemporaneous disquiet and the necessity of understanding its manifestation as part of schools' milieu. The present work comes to light from a hypothesis that the transition from a disciplinary to a frailty society, in which control and different forms of violence are been internalized, brings social symptoms forth and challenges new praxis. On the foreground is some of the alterity pedagogical practices, built upon an erotic perspective as an alternative of confrontation and transgression.

KEY WORDS: disciplinary society, control society, alterity, Eros, pedagogical practices.

De onde nasce esse texto

Esse texto surge com a intenção de ser um ensaio e, talvez, ele nunca vire um artigo. Essa afirmativa pode conduzir a uma interpretação de valor hierárquico entre as duas modalidades de texto, mas não é essa a natureza do nosso desejo. A escolha pelo ensaio, nesse caso, vem do esforço de dar fluidez à escrita, fazer dialogar as nossas ideias com outras de autores através dos seus textos, mas também dar a voz a conversas com pessoas que dividem comigo, mesmo que involuntariamente, a autoria. O caráter ensaístico também responde à necessidade de trocar e ampliar essas conversas com

¹ Doutora em Geografia pela Universidade Federal Fluminense, professora da UERJ- Faculdade de Formação de Professores e do Instituto Gay Lussac.

aqueles que se interessam pelo tema e que porventura possam se identificar ou se contrapor ao modo particular com que esse ensaio coloca um conjunto de situações, contextos, espectros que rondam e, às vezes, assustam, o nosso cotidiano da vida comum, das relações sociais e, especialmente, das relações que se realizam no espaço escolar.

A principal inspiração de fundo teórico desse ensaio veio da leitura de três livros recentemente publicado de um mesmo autor, Byung -Chul Han, filósofo coreano radicado na Alemanha onde é professor de filosofia e estudos culturais na Universidade de Berlim. Os títulos na sequência da publicação (sugiro que seja também a sequência da leitura) são: *Sociedade do Cansaço* (2015), *Agonia do Eros* (2017), *Topologia da Violência* (2017 a). Diríamos que o primeiro livro apresenta a ideia central do autor que consiste na transição, que ele considera fundamental para entender a atualidade, entre a Sociedade Disciplinar (bastante explorada por autores como E. Thompson, M. Foucault e G. Deleuze e mais recentemente por G. Agambem) para uma Sociedade do Desempenho e, por isso mesmo, do cansaço. Essa transição, sua caracterização, bem como os efeitos sociais disso, ele desenvolve nos três livros. Suas ideias serão nosso ponto de partida e, às vezes, de chegada, no diálogo com outros sujeitos desse texto.

O ponto de vista de onde parto para escrever esse ensaio tem a ver com o papel social que protagoniza a minha experiência, o lugar da professora mulhersecundarista e universitária, condição existencial que me permite ver, saber e sentir sobre os jovens e a escola. Nesse sentido, preciso explicitar que entendo que os sofrimentos causados por esse novo paradigma social, o desempenho tomando o lugar da disciplina, afeta de modo distinto e na maioria das vezes majorado, as mulheres. Na minha experiência, percebo que as alunas colocam para si o esforço da realização, mesmo diante de um mundo cujas oportunidades ainda são marcadas pela desigualdade imposta pelo machismo e pelo patriarcado.

Esse ensaio é, portanto, escrito por uma professora que deseja compartilhar reflexões de um mal-estar que permeia a vida dos jovens com os quais convive, tentando levantar situações, conjecturas e espectros, das manifestações e estados presentes na escola e na universidade, justamente por serem espaços de vida onde o mal-estar torna-se, inevitavelmente, pedagógico. Não é possível, no entanto, atribuir uma unidade à multiplicidade das formas e experiências das juventudes a partir de suas

origens, recortes de gênero, classe ou raça, entendemos que essa multiplicidade interfere no ser jovem, por isso consideramos aqui juventudes plurais, ainda que o escopo desse ensaio não nos permita considerar critérios que delimitem cada uma dessas experiências. Acabaremos reconhecendo juventudes, mas falando genericamente sobre, mesmo assim, acreditamos em poder contribuir para a compreensão dos limites e das transgressões, das carências e das potências dessas juventudes. Saravá que isso possa se realizar!

Caracterizando a Sociedade do Cansaço como um mal-estar contemporâneo

A categoria do mal-estar presente na obra de Freud (2011) aponta para aquilo que seriam as três fontes fundamentais de onde emergem o nosso sofrimento, a prepotência da natureza, a fragilidade do nosso corpo e as relações com o outro. Freud aponta que diante dos dois primeiros aspectos, criamos dispositivos de aceitação das nossas impossibilidades, e diz que em relação à fonte de sofrimento social não reagimos da mesma maneira, não aceitamos o sofrimento da convivência com o outro, o diferente de si, e dessa forma acabamos por expressar uma hostilidade à civilização.

Supomos que repercutimos de diferentes modos em relação a essas três fontes do sofrimento ao longo do tempo. Em relação à natureza agimos no sentido do controle irrestrito e de sua mercantilização, a natureza como um recurso, objeto do nosso desejo consumista, cujos efeitos humanos se multiplicam como verdadeiros desastres. Para o sofrimento que advém da fragilidade do nosso corpo temos reagido cada vez mais numa perspectiva de corpo sintético que rivaliza com o corpo orgânico², drogas, tratamentos estéticos e treinamentos de alta performance. O sofrimento causado pela alteridade, esse que segundo Freud nos desafia mais a compreender o porque resistimos a ele, vamos tentar nesse artigo contribuir com elementos da sociedade contemporânea, espectros que alimentam de novos sentidos e significações o conceito do mal-estar.

No primeiro livro de sua trilogia, Byung-Chul Han apresenta uma perspectiva da evolução das enfermidades no tempo para caracterizar aquelas que se manifestam como

² Sobre a relação do orgânico e do sintético ver em SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos: modos e significações. Brasília, 2015.

sintomas dos dias atuais, as doenças neuronais. O autor considera que o século passado foi uma época de doenças imunológicas, que reflete uma divisão nítida entre o dentro e o fora, o amigo e o inimigo, de tal modo que o esquema imunológico entre ataque e defesa representava uma reação orgânica ao modo fundamental da organização disciplinar da sociedade da época³. Han aponta para uma mudança na sociedade contemporânea que foge, cada vez mais, dos ditames da estrutura disciplinar que se afirma diante da negatividade do outro, para uma sociedade do cansaço, pautada num excesso de positividade.

O autor apresenta as razões históricas ligadas ao modo de produção contemporâneo que impõem, ainda que não de modo explícito, novas regras e princípios que visam garantir maior eficiência produtiva. Diz ele que o esquema anterior marcado pelo inconsciente social da negatividade, no qual disciplina e dever são referências importantes, somado a ele surge um outro dispositivo que garante uma elevação na produtividade, o sujeito do desempenho como alguém mais rápido e eficiente que o sujeito da obediência (Han, 2015, p.25).

Inclusive o autor avança uma crítica a uma característica marcante do trabalho na era da terceira revolução industrial que chamamos de polivalência ou multitarefa. Um aspecto que nos chamou atenção foi o fato dele dizer que essa característica não é especificamente humana e que se revela como um retrocesso civilizatório, pois realizar várias tarefas é algo que os animais em condição de sobrevivência precisam acionar, nesse estado é necessário dividir a atenção entre as várias atividades e assim não há como se envolver contemplativamente em nada. Todos nós que lidamos com jovens vivenciamos situações dessa atenção dispersa e difusa, inclusive quando falamos de hiperatenção é isso o que ressaltamos, esse estado de tensão permanente que nega a contemplação e o tédio como possibilidades para a imaginação e para a criação.

O grande problema é que esse sujeito da obediência trava uma luta contra si mesmo, afinal ele pode ser bom, produtivo, eficiente, e ele acredita que não precisa estabelecer interações para isso ou, caso interaja, é a partir de uma perspectiva egotica, centrada naquilo que ele tem a oferecer e de acordo com as suas próprias necessidades, afinal, há uma compreensão de um merecimento pelo que se é, e não pelo que faz para

³O autor que melhor contribuiu para a compreensão dos aspectos de uma sociedade disciplinar foi Michel Foucault, em diferentes obras como *Vigiar e Punir* (1987) *Microfísica do Poder* (1979), com o qual Byung-Chul Han dialoga e também os autores desse artigo.

ou pelo outro. Byung-Chul Han localiza nesse aspecto uma origem possível dos processos depressivos, vista como um sintoma de uma sociedade que está em guerra consigo mesma devidoo excesso de positividade. De alguns modos, vemos isso manifestar-se no espaço da Escola e da Universidade entre os jovens que podem mais do que querem, uma ausência de desejo que leva a tristeza, desânimo e desmotivação, sentimentos que conflitam ainda mais com o fato de que se culpabilizam diretamente e em relação aos seus familiares que tanta expectativa depositam neles. Em contribuição a isso nos diz o autor:

... O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência. Os adoecimentos psíquicos da sociedade do desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal. (2015, p.30)

A sociedade do cansaço é, pois, a sociedade do eu, uma sociedade narcísica. O desaparecimento do Outro é um drama que atinge as relações humanas de tal modo que precisamos entender como a escola pode lidar com isso. A escola é um espaço intermediário na vida social do jovem, ele se situa entre a privacidade do lar e a socialização nos espaços públicos. O modo como a escola e as práticas pedagógicas recebem e acolhem os dilemas daquilo que Byung-Chul Han chama de *Agonia do Eros* (2017) é para onde caminhamos nesse ensaio, sobretudo considerando a contribuição de um dos capítulos do livro da bell hooks (2013), chamado *Eros, erotismo e processo pedagógico*. Interessa-nos compreender como a experiência pedagógica envolta pelo erotismo pode revelar o papel da escola como um espaço onde o jovem pode viver a experiência da alteridade, do Eros que se sobrepõe, de alguma maneira, ao Ego.

A escola como um espaço de convívio, pode ou não fortalecer o sentido da alteridade das relações, mas pensamos que cabe a ela favorecer esses encontros, criando possibilidades para que a negatividade do outro não seja suprimida pelos tensionamentos inevitáveis do cotidiano. Somos levados a supor que, diante de uma sociedade em que os indivíduos estão cada vez mais voltados pra dentro de si, escravos

e senhores de si mesmos, pode haver uma diminuição do conflito direto, corpóreo, ou mesmo verbalizado de modo rude, diante dos quais surge a negação do convívio, o fechamento em grupos de iguais, a negação total do outro que não seja uma extensão de si, esse sujeito só encontra significação onde consegue reconhecer-se. Para Byung-Chul Han a depressão seria uma manifestação dessa sobrecarga do eu:

A depressão é uma enfermidade narcísica. O que leva à depressão é uma relação consigo mesmo exageradamente sobrecarregada e pautada num controle exagerado e doentio. O sujeito depressivo-narcisista está esgotado e fatigado de si mesmo...” (2017, p.10)

Sim, cada vez mais nós, professores, convivemos com o jovem que não deseja, precisamos entendê-los de acordo com essa nova realidade espaço-temporal e, ousamos dizer, diante de uma nova compreensão narcísica. É muito comum ouvir dos adultos inúmeras críticas a certos jovens que “têm tudo e não valorizam nada”, muitos dizem do tanto que precisaram lutar para conquistar as coisas e, assim, não percebem que o sofrimento da positividade é de outra natureza, e que dói. Vamos continuar culpabilizando os jovens pelo seu sofrimento ou vamos tentar entender o que mudou no mundo e quais são os caminhos para enfrentar essa realidade?

O Eros para vencer o cansaço. Pode a prática pedagógica ser erótica?

Pretendemos nessa parte, fazer uma relação um pouco inusitada, mas que faz sentido para o nosso propósito. Han escreveu seu livro *Agonia do Eros* (2017) como um desdobramento do *Sociedade do Cansaço* (2015), justo para identificar o que para ele libertaria as pessoas dos efeitos da introjeção da disciplina, fenômeno que caracterizamos. O autor fala a partir disso, da experiência erótica, segundo ele somente o Eros vence a depressão. No livro da bellhooks(2013), há um capítulo dedicado ao mesmo tema, nesse caso falando da relação da autora no espaço da sala de aula, portanto, tratando como prática pedagógica. É possível, portanto, considerar que a escola possa assumir um papel protagonista na vida dos alunos, desde que a prática

pedagógica esteja a serviço disso? Como a sala de aula e o ambiente escolar podem ser produzidos para essa finalidade?

Talvez um primeiro ponto mais óbvio seja o de não estimular a competição, mas sim favorecer a interação e a colaboração, a aprendizagem como um processo de construção coletiva que não nega o sujeito, mas que cria situações de envolvimento real entre os alunos e as alunas, não numa perspectiva de negar as tensões e os conflitos, mas tal como em Paulo Freire (2018), com um processo que reconhece a dialogicidade como essência da educação como prática da liberdade. Cabe aqui mencionar que bell hooks foi aluna e abraçou a teoria freiriana como a sua principal referência. Tanto em Freire (2018) como em hooks, a educação que liberta é aquela que humaniza a partir da relação do ser inconcluso e, portanto, aberto à experiência do outro, uma experiência erótica, diriam eles.

Uma pedagogia erótica é uma pedagogia que não nega o corpo, assim sendo, o erotismo também se afirma como fundamento epistemológico, além de prática pedagógica. Corporificar o conhecimento significa a apreender os sujeitos em sua multiplicidade, mulheres, negros, LGBTQI, indígenas, e outras corporeidades que muitas vezes são invisibilizadas por um conhecimento que se pretende universal. Oferecer um repertório de outros permite não só uma ampliação da possibilidade do reconhecimento de si, mas a experiência de uma educação pautada pela alteridade, pelo reconhecimento do outro diante da incompletude do eu, uma prática pedagógica que humaniza.

Tanto Han como hooks consideram que para compreender o lugar do erotismo é importante deixar de entender essa força somente em termos sexuais. Trata-se da relação com o outro como alteridade, que significa não reduzir o outro ao mesmo de si, além de não desejar ter o controle e o domínio sobre esse outro. A experiência erótica, nesse sentido, não pode ser sexualizada segundo os princípios da sociedade do desempenho, em que o outro é reduzido a um objeto da excitação. O erotismo é, antes, uma força, uma potência que, presente em sala de aula, pode contribuir no processo da aprendizagem (hooks, p.257). No entanto, é comum que se crie dificuldades a esse modo, tal como nos advertem hooks:

... Os professores que amam os alunos e são amados por eles ainda são “suspeitos” na academia. Parte dessa suspeita se deve à ideia de que a presença de sentimentos, de paixões, pode impedir a consideração objetiva dos méritos de cada aluno. Mas essa noção se baseia no pressuposto falso de que a educação é neutra, de que existe um terreno emocional “plano” no qual podemos nos situar para tratar a todos de maneira igualmente desapixonada...” (2018, p.262).

Um esforço de conclusão

Um texto é sempre pausa, por mais que o nosso desejo seja o de colocá-lo no fluxo da existência, enquanto devir. Mas poder dizer o que se sente ou simplesmente dizer é aquilo que constrói a cura terapêutica na psicanálise e também na ciência tal como afirma hooks quando atribui à teoria um lugar de cura. Acrescentamos dizendo que a escola também deve ser um lugar de fala, mas um lugar de qualidade de fala distinta das redes sociais, por exemplo. Um lugar de fala que convoque o outro, que toque o outro como flecha, que crie aproximações discursivas. Um lugar de fala corporificada, de sensibilidade, portanto, e não somente um espaço para elaborações cognitivas alheias ao corpo.

Por isso, concordamos com Han quando diz que vivemos um momento de intensificação da disciplina via sua interiorização, um controle que não vem, necessariamente, de fora e exatamente por isso é tão eficaz, falamos de uma auto cobrança que sabota o desejo e que faz de cada um herói ou vítima de si mesmo, um sofrimento causado pela prática da violência e da submissão contra si diante de uma nova experiência narcísica que produz-se como mal estar contemporâneo. Supomos que a convivência na escola possui um efeito transgressor e que, diante da percepção disso, podemos também transgredir o papel da escola como uma instituição disciplinar, tal como fora concebida.

Se a escola fez, sobretudo nos últimos anos, inúmeros esforços para superar a lógica disciplinar, talvez a mudança na estrutura da sociedade numa nova topologia da violência (HAN, 2017a), esteja colocando para nós novos desafios e outras armadilhas. É preciso compreender a natureza do mal-estar contemporâneo à luz dessas mudanças, e

entender as novas necessidades produzidas no bojo delas. O papel de uma educação escolarizada talvez esteja no auge de sua importância e precisamos, concordando com isso, fazer essa disputa, afinal, a tecnologia nos colocou esse desafio. Falamos em nome de uma pedagogia erótica que potencialize os encontros, faça convergir as narrativas e que não negue o outrodiante das nossas incompletudes, eis aí um dos nossos grandes desafios como educadores.

Bibliografia:

AGAMBEM, G. Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte, UFMG, 2002.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização. São Paulo: Pequim Classics Companhia das Letras, 2011.

GILLES, Deleuze e GUATARRI, Felix. Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

HAN, Byung-Chul. Agonia do Eros. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015

HAN, Byung-Chul. Topologia da Violência. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017a

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a Educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão. Martins Fontes: São Paulo, 2013.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos: modos e significações. Brasília, 2015.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina do trabalho e capitalismo industrial. In.:
Costumes em Comum. Trad. RosauraEichemberg. Editora Schwarcz. São Paulo: 1998.
P. 267-304.